

ÕMeditaçõesõ autobiográficas de Ana Plácido

Conceição Flores¹

Resumo: A escrita da história da literatura de autoria feminina do século XIX, em Portugal, fica incompleta se não incluirmos Ana Plácido (1831-1895), escritora lúcida e mulher corajosa que ousou ultrapassar as imposições sociais do seu tempo. Nascida na cidade do Porto em 27 de setembro de 1831, casou, por imposição paterna, aos 19 anos, com um rico õbrasileiroõ, 24 anos mais velho. Apaixonada por Camilo Castelo Branco, amor que brotara antes do casamento, viveu, ainda casada, um tumultuado romance, fato que provocou a prisão de ambos. Acusados de adultério, ficaram presos na Cadeia da Relação do Porto de 06 de junho de 1860 até serem absolvidos em 16 de outubro de 1861. No período em que ficou presa, Ana Augusta Plácido escreveu o livro *Luz coada por ferros* (1863), que reúne títulos diversos, entre os quais õMeditaçõesõ, obra autobiográfica que serve de *corpus* para este trabalho, cujo objetivo é analisar a escrita autobiográfica, a fim de traçar a biografia autoral e de destacar a sua produção intelectual. O suporte teórico parte do conceito de pacto autobiográfico de Philippe Lejeune (1995; 2014).

Palavras-chave: Ana Augusta Plácido; Autobiografia; Meditações.

Introdução

Sempre que escrevemos, interpretamos.

Marguerite Yourcenar
(1986)

A escrita da história da literatura de autoria feminina do século XIX, em Portugal, fica incompleta se não incluirmos Ana Plácido; no entanto, as poucas páginas que foram escritas sobre a autora versam mais sobre a sua vida do que sobre a sua obra. É certo que, durante muito tempo, as escritoras foram relegadas a um plano secundário nas histórias da literatura portuguesa. Concordamos com as afirmações de Chatarina Edfelt (2006, p.74) de que houve da parte dos historiadores da literatura portuguesa ó Mendes dos Remédios (1908), Audrey Bell (1922), Joaquim Ferreira (1939) e Albino Forjaz de Sarmiento (1942) ó um õtratamento de negligência: amalgamento e ambivalênciaõ em relação às escritoras, que foram reunidas

¹Natural da Ilha do Faial, Conceição Flores é professora de Literatura do curso de Letras da Universidade Potiguar em Natal. Publicou *Do mito ao romance: uma leitura do evangelho segundo Saramago* (2001); *As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Brasil e Portugal* (2006); em coautoria com Constância Lima Duarte e Zenóbia Collares Moreira, o *Dicionário de escritoras portuguesas: das origens à atualidade* (2009); o *Dicionário de escritores norte-rio-grandenses: de Nísia Floresta à contemporaneidade* (2014). Organizou, em 2013, *Mulheres e Literatura: ensaios*; e em 2015, *O meu sentido primeiro das coisas: ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta*. RN, Brasil. E-mail: conflores.natal@gmail.com.

como um grupo homogêneo, em que apenas algumas são citadas. Mas a esses historiadores, podemos acrescentar Teófilo Braga (1909; 1914; 1916; 1918)², Fidelino Figueiredo (1923) e António José Saraiva e Óscar Lopes (1954), que se limitam a referir-se às autoras em poucas linhas, às vezes somente em nota de rodapé, ou até as ignorar, como é o caso de Ana Plácido, que apenas entrou na *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva e Óscar Lopes no capítulo VI referente a Camilo Castelo Branco, quando os autores escrevem sobre a vida e carácter do escritor (1996, p. 778-9). Sobre a escritora, nem uma palavra, unicamente aspectos biográficos relacionados com a vida de Camilo de Castelo Branco.

Nos últimos anos, a partir de uma (re) visão do cânone literário como um processo em devir, para o qual contribuíram os estudos culturais surgidos na Inglaterra na década de 1950 e o movimento feminista dos anos 1960 nos Estados Unidos da América, têm sido feitas e publicadas pesquisas voltadas para o resgate das escritoras, para reedição de suas obras e para a reflexão sobre a autoria feminina³.

Este artigo volta-se, pois, para a *Meditação*, obra que integra *Luz coada entre ferros* (1863), com o objetivo de analisar a escrita autobiográfica, a fim de traçar a biografia autoral e de destacar a produção intelectual de Ana Plácido. O suporte teórico parte do conceito de pacto autobiográfico de Philippe Lejeune (1975; 2014).

Um pacto autobiográfico

Philippe Lejeune é o nome incontornável dos estudos sobre a autobiografia. A publicação, em 1975, na revista *Poétique* do *Pacto autobiográfico* trouxe o conceito basilar dessa teoria, isto é, que a biografia é uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando ela destaca a sua vida pessoal, em especial a história da sua personalidade (LEJEUNE, 1975, p. 14; tradução nossa)⁴. O teórico considera ainda fundamental que autor (a), narrador (a) e personagem coincidam de tal modo que a identidade seja percebida de imediato a partir do pacto estabelecido pela tríade - autor, narrador,

² As datas citadas são sempre das primeiras edições. Quanto à obra monumental de Teófilo Braga, ela é constituída por quatro volumes: vol. I constituído pela Idade Média; vol. II, Renascença; vol. III, Os seicentistas; vol. IV, Os árcades. O vol. V, intitulado O Romantismo, só foi publicado em 1980 pela editora Europa-América.

³ Entre as obras publicadas, citamos *A autoria feminina na Literatura Portuguesa: reflexões sobre as teorias do Cânone*, de Fabio Mario da Silva (2014) e *Uma história na história: representações de autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XIX*, de Catharina Edenfelt (2006).

⁴ *Définition: Récit retrospectif en prose qu'une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu'elle met l'accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l'histoire de sa personnalité.* (LEJEUNE, 1975, p. 14).

personagem. A identificação inicial é a do (a) autor (a), sujeito da enunciação, cujo nome vem mencionado na capa do livro; em seguida, a leitura do texto é que determina tratar-se de autobiografia. O leitor desempenha, portanto, um papel fundamental, pois a ele cabe a responsabilidade na identificação do gênero.

A autobiografia pressupõe um narrador autodiegético, visto este contar, como personagem central, suas próprias vivências, o que não significa dizer que entre o eu que narra e o eu que vivenciou os fatos narrados não tenha se estabelecido um distanciamento fruto da decorrência de tempo entre o passado, onde ocorreram os fatos, e o presente, quando os fatos, ativados pela memória, são postos em narrativa.

Assim, a memória teria o papel de permitir estabelecer não só a relação do presente com o passado, mas também de interferir no processo ôatualö de representações do narrador. Ecléa Bosi considera que:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ôdeslocaö estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1999, p. 47).

Portanto, memória e autobiografia estão intrinsecamente ligadas, posto que para narrar os fatos passados é preciso ô[...]refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passadoö (BOSI, 1999, p. 55). E conforme Correa & Justo ponderam:

Cada vez que uma lembrança é evocada, há a possibilidade de emergir novos significados sobre o mesmo acontecimento, assim como outros sentimentos e sensações são despertados no trabalho de reconstrução da história, independente da objetividade que se queira darão relato (CORREA & JUSTO, 2010, p. 252).

Considerando que a autobiografia é um relato factual da vida do autor, escrito a partir das lembranças evocadas para a reconstrução da história, há que levar em conta que a escrita se realiza a partir da evocação de ôimagem-lembrançaö (BERGSON,1999)que traz à consciência ôum momento único, singular, não repetido, irreversível, da vidaö (FERREIRA; FLORES, 2017).

ôMeditaçõesö, de Ana Plácido, escritas enquanto a autora esteve presa na Cadeia da Relação do Porto, entre junho de 1860 e outubro de 1861, é uma narrativa produzida sob o

impacto das õimagens-lembrançasõ que ocasionaram a sua prisão. O autor da nota de rodapé⁵, que consta da primeira página do texto, deixa a sua opinião sobre a autora e sobre as condições adversas em que ela se encontrava quando escreveu o texto:

Não sabemos bem se devemos bemdizer, se amaldiçoar o infortunio que faz despontar a aurora de um talento. Ninguém diria [...] que a natureza se esmerara em dotar-a com os primores da beleza e os mais raros dons dos espirito. [...] escreve, porque o escrever lhe é um desafogo às lagrimas. (PLÁCIDO, 1995, p. 62)⁶.

Sob o impacto dos acontecimentos que levaram Ana Plácido à prisão, confinada entre quatro paredes, recebendo a õluz coada por ferrosõ, afloram sentimentos contraditórios que são narrados em retrospectiva pela autora que viveu uma história de paixão e ousadias na segunda metade do século XIX.

Uma história de paixão e ousadias

Ana Plácido nasceu na cidade do Porto em 27 de setembro de 1831, filha de António José Plácido Braga, comerciante naquela cidade, e de Ana Augusta Vieira, casal com uma numerosa prole de 12 filhos, que, provavelmente, enfrentaria problemas financeiros para os criar e educar. Pertencia, pois, a uma família da pequena burguesia tripeira, cuja preocupação era garantir às filhas um futuro õtranquiloõ, o que pressupunha arranjar õbonsõ casamentos. Aquele era um tempo de domesticidade, em que a família modelo estava assente no chefe de família (cabeça do casal), a quem cabiam todas as decisões; às mulheres estava õ[...] reservado o espaço privado do larõ. A divisão sexual de papeis era vista como natural, o que significava que a mulher estava destinada a ser esposa e mãe e a permanecer como a eterna fada do lar que devia õ[...] gerir a harmonia do espaço privado da casa, permitindo que o homem nela posa retemperar as forças despendidas na gestão do espaço público, através do qual sustenta o núcleo familiarõ (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 43, 63).

Educada para ser fada do lar, Ana Plácido terá recebido a educação necessária para cumprir esse papel de subalternidade, a que as mulheres estavam condenadas. Porém, õAos

⁵ Na página inicial de õMeditaçõesõ, há uma nota de rodapé não identificada, mas provavelmente de autoria de Júlio César Machado, escritor que fez a introdução de *Luz coada por ferros*. (cf. MACHADO, Júlio Cesar. Introdução. In: PLÁCIDO, Ana Augusta. *Luz coada por ferros*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1995, p. VI-XV).

⁶ Todas as citações de textos de Ana Plácido são transcritas *ipsis litteris*, dado que o livro embora tenha sido reeditado em 1995 é um *fac-símile* da primeira edição de 1863.

quinze anos, há o acordar d'um sonho angelico. Buscam nossos olhos avidas a luz que os enfeitiça; rico d'opulencia desabrocha o coração, e em si recolhe maximas do bem que custam anos a destruir. (PLÁCIDO, 1995, p. 62-3). Camilo Castelo Branco, por sua vez, também escreveu sobre esse primeiro encontro: «Num baile foi que eu a vi pela primeira vez. Era ela solteira, e teria quinze anos» (CASTELO BRANCO, 1984, p. 1142). Ela é uma jovem ingênua com apenas 15 anos; ele, um rapaz de 21 anos, conhecido por suas rumorosas aventuras amorosas⁷. Parece ter havido um intervalo de dois anos até um novo encontro entre Ana Plácido e Camilo Castelo Branco, que ela assim descreve:

Acordada aos dezessete anos, fixei a aurora do meu caminho com o seio aberto a todos os rigores da vida, a todas as expansões amorosas que se me abriam na imaginação noviça.

Em uma sala de baile, no meio do esplendor das luzes e do aroma rescendente de mil vasos entumecidos de flores, uns olhos disseram-me ao coração «vive» ó um sorriso fez-me estremecer todas as fibras que estavam intactas (PLÁCIDO, 1995, p. 88).

Esse terá sido o encontro fatal que fez brotar a intensa paixão entre Ana Plácido e Camilo Castelo Branco, paixão de consequências funestas que afetará a vida dos dois para sempre, visto que o pai de Ana Plácido acertou o casamento dela com Manuel Pinheiro Alves, um rico comerciante do Porto, recém-chegado do Brasil, onde fizera fortuna. A autora considera ter sido «Victima dos cálculos e da ambição [...]» (PLÁCIDO, 1995, p. 89) e recorda que:

N'essa idade feliz, a primeira das virtudes é a obediência. Trespassem-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrifício e o valor da mercancia.

Quando te é dado compreender a melancólica existência, a que te condena a cobiça previdente de um pai cuidadoso em demasia no provir de seus filhos, é já tarde.... (PLÁCIDO, 1995, p. 63).

Como boa filha, não dirige nenhuma palavra de censura ao pai, embora tenha sido este a agenciar o casamento da filha. Ela, ingênua e obediente, aos 19 anos, estava casada com Manuel Pinheiro Alves, 24 anos mais velho. O pai tinha feito um excelente contrato de casamento, cujo montante seria, segundo Aquilino Ribeiro (1974, p. 333), «[...] 68 contos, uma fortuna para o tempo». Sobre o casamento, ela lembra:

⁷ Sobre a biografia de Camilo Castelo Branco consultar: SARAIVA; LOPES, 1996, p. 778-9.

Vejo-me vestida de branco envolvida no vô da desposada, a grinalda de laranjeira adornando-me a fronte acurvada ao pezo dæstes atavios, e estremecendo horrorizada como Iphigenia caminhava conduzida por seu pai ao sacrifício. (PLÁCIDO, 1995, p. 93).

As lembranças daquele dia, 28 de setembro de 1850, são terríveis, pois Ana Plácido compara a sua situação com a de Ifigênia⁸, que foi encaminhada ao sacrifício pelo pai por interesses alheios à sua vontade. Ciente de que fora õtrespassadaõ, ou seja, entregue contra a sua vontade a um õhomem repulsivoõ, durante oito anos, õ[...] oito séculos de escravidão forçada, aceita e acatada pelo mundoõ. (PLÁCIDO, 1995, p. 66), sofreu silenciosamente. Ela sabe-se õvítima dos cálculos e da ambiçãoõ paterna, e, após 8 anos de infelicidade, decidiu assumir os riscos da paixão devastadora: õAgora sim. Venha tudo, que tudo sofrerei por ti, e resignada! Abençoado sejas, anjo redentor, ou astro fatal, que te aproximas. Vem!õ (PLÁCIDO, 1995, p. 90).

Sentia-se livre das amarras familiares, pois o pai morrera em 1852, a mãe, em 1855 e a irmã mais querida, em outubro de 1858. Em 11 de agosto desse ano, nascera Manuel Plácido, filho presuntivo de Camilo. Decidida a enfrentar a sociedade para viver esse grande amor, Ana Plácido deixa, no início de 1859, o marido para ir viver com Camilo Castelo Branco. Em 22 de dezembro desse ano, Manuel Pinheiro Alves instaura o processo por adultério, o que redundava na prisão de ambos. Ana Plácido entrega-se à justiça em 6 de junho de 1860, Camilo Castelo Branco, em 1 de dezembro desse mesmo ano, ficando ambos encarcerados na Cadeia da Relação do Porto.

Durante os 17 meses em que esteve presa, Ana Plácido escreveu. Afirma que õgrande parte destes escritos nasceram na calamitosa época do cárcere e do escárnio de meus algozes, nunca saciados das torturas que me infligiram.õ (PLÁCIDO, 1995, p. V). Sob o forte impacto de dores morais e num ambiente terrível, a narradora escreveu as suas õMeditaçõesõ. Ela narra que:

O frio! tão intenso aqui, no centro dæstas abobadas denegridas donde ressumbra uma humidade que regela! É uma dor aguda que eu então sinto, sem palavra no coração humana que bem a diga. Os meus olhos, que para pouco tem lágrimas, razam-se-me dægua, e fico entregue a uma concentração amarga e dolorosa (PLÁCIDO, 1995, p. 74).

⁸ Ifigênia, filha de Agamêmnon e de Clitemnestra, por imposição da deusa Ártemis, foi conduzida pelo pai para o sacrifício para aplacar a ira da deusa, que mantinha as naus gregas presas numa calmaria. Ártemis, na hora do sacrifício, comoveu-se e uma corça foi sacrificada e a deusa transformou-a em sua sacerdotisa. (cf. KURY, 1992, p. 211).

A prisão da Relação do Porto era uma cadeia mista, onde também se encontrava Camilo Castelo Branco. O autor deixou igualmente escritas as suas impressões sobre aquele lugar onde o ar era glacial e pestilento, [...] as paredes pegajosas de humidade, [...] as abóbadas profundas e esfumeadas (CASTELO BRANCO, 1983, p. 51). Era, pois, nessas nefastas condições que Ana Plácido e seu filho viveram, na companhia de uma criada. Na bagagem que levava para a cadeia, contar-se-iam cerca de 500 livros e material necessário para atividades de escrita.

Além da escrita, a leitura ocupou os dias da narradora, que deixa marcas, no texto de suas leituras, suas preferências:

Sinto-me endourecer de amores, pelo autor dos *Lusiadas*, por Garrett, e por tantos outros nomes ilustres, que a minha fantasia se recreia em ver alindados de primores talvez desconhecidos.

[...] Compenetro-me sedenta e faminta de cada nova criação de Alexandre Herculano, Mendes Leal e Castilho (PLÁCIDO, 1995, p. 86).

As leituras feitas por Ana Plácido na cadeia não aliviam a sua dor. O pacto biográfico por ela estabelecido é ativado pela memória dos acontecimentos ocorridos antes da prisão e pelo sofrimento da situação em que se encontra. Há, portanto, um pessimismo que contamina a vida e a escrita, a vida/grafia (MAINGUENEAU, 1995, p. 46). O apaziguamento para o sofrimento que essa situação provoca, Ana Plácido encontra na religião, na soberania da terra, considerada como um [...] conforto dulcíssimo que acalenta[s] o magoado suspirar do infeliz, que o vigoriza [s] no infortúnio extremo. Já a sociedade é vista como um cadáver pútrido coberto de sedas e de arminhos (PLÁCIDO, 1995, p. 78). A metáfora violenta com que Ana Plácido descreve a sociedade dá conta da revolta que lhe ia na alma, por ter sido execrada pela burguesia tripeira, e assume:

Que venha a adversidade, que venha a desgraça com todo o cortejo das fúrias raivosas que nos malquistaram com a hipocrisia da época; que nos subvertam as tormentas que rebentam sobre a cabeça pendida. (PLÁCIDO, 1995, p. 82).

Mulher firme e determinada, não se deixa, porém, sucumbir e entrega-se a um ideal, a que chama um mito todo seu. Esse mito, o centro luminoso, é a literatura. Não só a literatura através da leitura, mas também através do fazer literário. Critica as mulheres que

apagam no regelo do coração essa efêbre e tornam-se apenas boas governantas de casa, e boas mães de família. Indaga: Mas essa essência preciosa absorve todas as faculdades grandiosas da mulher? Ela mesma responde com um Não (PLÁCIDO, 1995, p.91).

Conclama as mulheres de Portugal a se desligarem [...] de certas apreensões, procurando no livro e no estudo dos bons mestres um refrigério para os tristonhos dias da velhice (PLÁCIDO, 1995, p.91). As apreensões seriam, provavelmente, o preconceito que a mulher instruída enfrentava na sociedade e a velhice que, sabe-se, chegava bem cedo - por volta dos cinquenta. Esse é um conselho que ela dá às suas leitoras, para si mesma reserva outra missão.

Sei que não podemos aspirar a um nome distinto como o de madame Staël, ou Georges Sand. A estas dotou-as a subtileza do engenho, a grandeza do genio, a vivacidade sublime que não possuímos desde que a marquesa de Alorna, e Catharina Balsemão passaram sem herdeiras. Não dêmos ao homem a fácil victoria da nossa inercia. Entremos desassombradas nesse trilho em que os mesmos espinhos nos fazem esquecer outras dôres. (PLÁCIDO, 1995, p. 91-2).

Ana Plácido invoca o exemplo de autoras estrangeiras e portuguesas e convoca as mulheres a desafiar os preconceitos masculinos e a romper a inércia em que se encontram. Para si, reserva o papel de pioneira: É, afagando esta idéia, que me arrojo primeira no exemplo, e com a esperança de ser imitada e seguida. A esperança começa, então, a surgir no seu horizonte, porque apareceu [...] um novo raio vivificante e gracioso, isto é, a possibilidade de encontrar na escrita um caminho para mitigar suas dores e na publicação de seus textos uma fonte de renda. E declara: A victoria é minha. Fraca porque sou mulher, pobre, oprimida pela inveja e pelo ódio, não hei de succumbir, ainda assim! (PLÁCIDO, 1999, p. 92; 102).

Esse momento tão especial em que as Meditações foram escritas aguçou a sensibilidade da autora que a fez vislumbrar a possibilidade de mudança, o espaço de onde pode se lançar um pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação das estruturas sociais e culturais. (CIXOUS (2017, p.134; grifo da autora).

Nos dias 15 e 16 de outubro de 1861, em audiência de júri, Ana Plácido e Camilo Castelo Branco foram julgados e absolvidos. Em liberdade, passaram a viver juntos, primeiro na cidade do Porto, depois em Lisboa, onde, em 28 de junho de 1863, nasceu o filho Jorge. Em 15 de julho desse ano, Manuel Pinheiro Alves, marido de Ana Plácido, morre e ela passa

a administrar a fortuna herdada pelo filho Manuel, filho legítimo daquele casamento. Entre os bens, a casa de São Miguel de Ceide, para onde Ana Plácido e Camilo Castelo Branco se mudaram e viveram até o fim de seus dias.

Epílogo não muito romântico

Ana Plácido e Camilo Castelo Branco viveram uma história de amor que apresenta os lances de uma novela romântica, como as que o autor escreveu. Amor contrariado pelas imposições sociais, decisões tomadas no auge da paixão, fugas, perigos enfrentados e prisão fazem parte das aventuras vividas por este célebre casal, o que levaria o leitor a esperar um epílogo feliz. Mas a história vivida por ambos foi diferente.

A partir de julho de 1863, nada impedia que se realizasse o casamento, pois ambos eram viúvos. No entanto, isso só aconteceu em 9 de março de 1888, pouco tempo antes da morte do escritor. Ana Plácido permaneceu durante 27 anos de vida em comum como se fosse uma mera amante de Camilo, sujeita aos julgamentos morais da sociedade, enquanto ele desde 18 de julho de 1885 era Visconde de Correa Botelho.

Os sonhos que construíra enquanto estava na prisão naufragaram. O amor-paixão cedeu lugar a um convívio cheio de altos e baixos, com desconfiança de Camilo Castelo Branco sobre a fidelidade daquela que tudo deixou para viver com ele. Era ela quem administrava a casa com os poucos recursos da renda familiar que vinham da publicação das obras do escritor, das traduções e da escrita de textos para jornais que ela fazia. Os revezes da vida familiar ó morte do filho Manuel, loucura do filho Jorge, vida leviana do filho Nuno, crises de instabilidade emocional de Camilo - não a impediram de continuar a ter firmeza de caráter e atitudes lúcidas que fizeram dela um perfil de mulher pouco usual naquele tempo. Escreveu enquanto esteve na cadeia *Luz coada por ferros*, obra que reúne novelas e meditações, publicado em 1863. O pacto autobiográfico firmado por Ana Plácido foi permeado pela memória, temperado com as cores da emoção, por isso os fatos biográficos são expostos de forma emotiva, dramática.

Depois da saída prisão, logo no ano seguinte, publicou *Aurora, drama em três actos*, em folhetim no *Jornal Vimarense*; *Regina* saiu em folhetim na *Gazeta litterária do Porto* (do número 1, de janeiro de 1868, ao número 15, tendo ficado incompleto pela suspensão do periódico). *Herança de Lágrimas*, romance, saiu em 1871, com o pseudônimo de Lopo de Souza e, na primeira década do século XX, em folhetim, com o título *Núcleo de agonias*, no

periódico *O Leme*, dirigido pelo filho Nuno Castelo Branco; com o fechamento do jornal, o folhetim ficou incompleto. Também colaborou com vários jornais e revistas literárias de Portugal e do Brasil com artigos, ensaios, contos e outras matérias, além de ter traduzido e adaptado várias obras, algumas das quais com o pseudônimo de Lopo de Souza⁹.

Como vimos, Ana Plácido amou Camilo Castelo Branco, amor que lhe trouxe consequências funestas para toda a vida. cremos que amou mais do que foi amada. Apesar disso, dedicou-se integralmente à família e à escrita, permanecendo ao lado do homem amado até o fim. O escritor sofria de sífilis, fruta da vida boêmia que levava, o que deixou sequelas nos filhos e lhe trouxe a perda progressiva da visão. Desenganado pelo médico e não suportando a cegueira, suicidou-se com um tiro no dia 1 de junho de 1890, enquanto Ana Plácido acompanhava o médico até o portão da casa de São Miguel de Ceide. Ela sobreviveu-lhe ainda cinco anos, tendo falecido nessa mesma casa em 20 de setembro de 1895.

A casa de São Miguel de Ceide é hoje, curiosamente, a Casa de Camilo, museu que abriga a memória do escritor¹⁰. Sobre a obra de Ana Plácido, o silêncio, a invisibilidade, porque como Virginia Woolf (1985, p. 48) afirmou: ãem todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho naturalö.

Assim, se fecha este epílogo não muito romântico, em que a constante foi o sacrifício, a abnegação de uma mulher cujos sonhos se transformaram numa realidade penosa e sombria. Enquanto a obra de Camilo Castelo Branco continua a ser lida e estudada, a de Ana Plácido permanece no limbo da história onde estão tantas outras escritoras, aguardando, como ela, que suas obras sejam reeditadas.

Referências:

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

⁹ Remeto para o site <http://www.escritoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Ana-Plcido>, que contém a vasta lista da produção literária publicada em jornais e revistas, bem como a das adaptações e traduções feitas pela autora.

¹⁰ Indico o site da Casa Camilo <http://www.camilocastelobranco.org/>, bem como o blog que é dedicado ao escritor <https://casadecamilo.wordpress.com/> onde o leitor encontra várias informações.

CASTELO BRANCO, Camilo. Cenas inocentes da comédia humana. In: _____. *Obras completas*. Vol. XIII. Porto: Lello & Irmão, 1991.

_____. Anos de prosa. In: _____. *Obras completas*. Vol. III. Porto: Lello & Irmão, 1984.

_____. *Memórias do cárcere*. Vol. I. Mem Martins: Europa-América, 1983.

_____. Sete cartas de Camilo a Luís Augusto Palmerin. *Separata da Revista Ocidental*, 1943.

CASTRO, Aníbal Pinto de. *Ana Plácido: a mulher que se maravilhou a si própria*. Porto: Lello & Irmão, 1995.

CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa. In: Brandão, Izabel (Org.). *Traduções da cultura: perspectivas feministas (1970-2010)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017, p. 129-155).

CORREA, Mariele Rodrigues; JUSTO, José Sterza. Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. *Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, PR, v. 1, n. 2, p. 249-256, dez. 2010.

EDFELT, Chatarina. *Uma história na história: representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX*. Montijo: Câmara Municipal do Montijo, 2006.

FERREIRA, Ilane; FLORES, Conceição. Memória, amor e morte em **Inventário** de Myriam Coeli. *Revista Decifrar*, v. 8, n. 4. Disponível em <http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/article/view/3451/3208>. Acesso em 29 set. 2017.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Editions du Seuil, 1975.

_____. Autoficções & Cia: peça em atos. In: Noronha, Jovita Maria Gerheim (Organização; tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e de Maria Inês Coimbra Guedes). *Ensaio sobre autoficção*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014, p. 21-37.

MACHADO, Júlio César. Introdução. In: PLÁCIDO, Ana Augusta. *Luz coada por ferros*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1995, p. VI-XV.

MACEDO, Ana Gabriela. AMARAL, Ana Luísa (Orgs). *Dicionário de crítica feminista*. Porto: Afrontamento, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PLÁCIDO, Ana Augusta. Meditações. In: _____. *Luz coada por ferros*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1995, p. 61-116.

RIBEIRO, Aquilino. *O romance de Camilo*. vol. II. Amadora: Livraria Bertrand, 1974.

SARAIVA, António José; Lopes, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 1996.

SILVA, Fabio Mario da. *A autoria feminina na Literatura Portuguesa*: reflexões sobre as teorias do Cânone. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

YOURCENAR, Marguerite. *Memórias de Adriano*. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

Autobiographical and Meditations of Ana Plácido

Abstract: The writing of the history of nineteenth-century female authorship in Portugal is incomplete if we do not include Ana Plácido (1831-1895), a lucid writer and a courageous woman who dared to surpass the social impositions of her time. Born in the city of Oporto on September 27, 1831, she married, by paternal imposition, at age 19 with a rich "Brazilian", 24 years older than her. In love with Camilo Castelo Branco, a love that had arisen before the wedding, she lived, still married, a tumultuous romance, a fact that provoked the arrest of both, her and her lover. Accused of adultery, they were imprisoned in the Relation Chain of Porto from June 6, 1860 until they were acquitted on October 16, 1861. During the period in which she was imprisoned, Ana Augusta Plácido wrote the book *Luz coada entre ferros* (1863), which has several titles, including "Meditações", an autobiographical work that serves as a corpus for this work, whose objective is to analyze autobiographical writing in order to trace the author's biography and to highlight her intellectual production both as a writer and as a translator. The theoretical support is based on the concept of Philippe Lejeune (1995, 2014) autobiographical pact.

Keywords: Ana Augusta Plácido. Autobiography. Meditations.

Recebido em: 30 de setembro de 2017.

Aprovado em: 20 de outubro de 2017.